

Apresentação

É com grande prazer que apresentamos aos leitores o V.25, N.2, da Revista Cadernos de Pesquisa do CDHIS, com o dossiê “Fontes históricas: da organização de acervos à prática de pesquisa”, cuja proposta é reunir artigos acerca do trabalho de organização, preservação e construção de acervos históricos e documentais em arquivos (públicos ou privados) ou museus, enfatizando escolhas e caminhos percorridos. Além disso, o dossiê congrega textos que abordam a experiência cotidiana e a prática de pesquisa dos historiadores, destacando suas escolhas de fontes, recortes temáticos, pressupostos teóricos e possibilidades analíticas dos acervos consultados. Partindo das características fundamentais desta revista, propusemos para esta edição a reunião de trabalhos e reflexões acerca da pesquisa e do processo de construção da história.

Abrindo o dossiê, Carlos de Almeida Prado Bacellar, coordenador do Arquivo do Estado de São Paulo, propõe em seu artigo “Acesso à informação, direito à memória: os arquivos públicos em questão”, pensar nos arquivos e sua relação com o acesso efetivo à informação. Narrando a trajetória da implementação da Lei nº 12.527/2011, que regulamenta o acesso à informação, Bacellar discute a função do arquivo público como órgão que garante acesso aos dados, documentos e informações públicas, garantindo assim transparência, eficiência administrativa e preservação de direitos e memória. Falando das transformações pelas quais o Arquivo do Estado de São Paulo passou nos últimos anos, ele argumenta sobre a necessidade dos arquivos se fazerem dinâmicos, modernos e úteis para a sociedade, para não serem condenados ao abandono e ao esquecimento.

Já no artigo “Os registros paroquiais de batismo da Freguesia do Mártir São Manoel do sertão do Rio Pombo e Peixe dos índios cropós e croatos, segunda metade do século XVIII”, Angelo Alves Carrara, Jonis Freire e Gabriela Moyle destacam a importância e as possibilidades de análise das fontes paroquiais para o estudo da sociedade brasileira em seus aspectos demográficos, na reconstituição de famílias e nas relações de compadrio. Em “O historiador no ‘reino das palavras’: a língua como arquivo, a palavra como fonte”, Marcos Abreu Leitão de Almeida argumenta sobre a importância da utilização das evidências linguísticas como “mais uma ferramenta do ofício do historiador”, sobretudo no estudo de grupos subalternos, povos sem escrita ou processos muitíssimo recuados no tempo. Citando Lucien Febvre, Marcos Abreu destaca a língua como um repositório das experiências humanas.

David Lacerda, em seu artigo “Sociedades mutualistas no Rio de Janeiro: apontamentos e leitura crítica sobre a documentação do Fundo Conselho de Estado

(1860-1882)”, analisa, a partir dos processos de legalização das sociedades mutualistas no Brasil Império, como as tensões entre a ação dos conselheiros de Estado e a pressão por parte da cultura associativa transformaram-se em “rastros documentais” ao passarem pelo processo de arquivamento da memória do Executivo. Já Paulo Cruz Terra, em seu “Como se contam as greves? Em busca das paralisações dos cocheiros e carroceiros ocorridas no Rio de Janeiro (1870-1906)”, discorre sobre as muitas possibilidades interpretativas no estudo das greves de cocheiros e carroceiros. Narrando seu percurso de pesquisa sobre o tema, fazendo dialogar a produção bibliográfica e as fontes, Terra amplia a discussão sobre essas mobilizações, repensando as definições e significados do que eram as greves no período.

Por fim, o dossiê encerra suas discussões com o texto de Paulo Renato da Silva, intitulado “Peronismo, historiografia e fontes: a construção dos setores populares argentinos”. Neste artigo, o autor propõe a interrogação das fontes tradicionais sobre os dois primeiros governos de Perón, agora sob outras perspectivas e novas perguntas. Argumentando sobre a necessidade de distinguir memória e processos históricos, Silva defende a adoção do “básico” no ofício do historiador, “a pesquisa em arquivos”.

A seção “Arquivo, Documento e Memória”, seguindo ainda os debates suscitados no próprio dossiê, traz três importantes colaborações: “Rádio Educação Rural de Tefé e Centro de Treinamento Irmão Falco”, de Cristiane Silveira e Leni Rodrigues Coelho, narra a trajetória e importância da construção de um Arquivo Histórico em Tefé/AM a partir dos documentos preservados pela Igreja Católica sobre o Movimento de Educação de Base; “Fontes para o estudo do urbano”, de Elizabeth Johansen, Juliana Gelbcke, Juliana Pegoraro Kus, Janaina Käfer e Caroline Magossi, destaca as atividades de um projeto de extensão que organizou o acervo de plantas arquitetônicas existentes na Casa da Memória do Paraná. O artigo traz importante colaboração na discussão sobre as possibilidades temáticas e analíticas das plantas arquitetônicas como fonte histórica. Já em “O grito de Jorge Andrade: a pesquisa dos roteiros televisivos”, Sabina Reggiani Anzuategui escreve os percursos para a realização de pesquisa no acervo televisivo da Globo.

Na seção de artigos livres contamos com diferentes perspectivas teóricas, dando ao volume uma maior pluralidade de visões sobre o fazer histórico. O texto de José D’Assunção Barros, “A fonte histórica e o seu lugar de produção”, analisa as diferentes metodologias no tratamento das chamadas “fontes históricas”. Rafael da Silva Alves, por sua vez, com seu texto “Transformações de valores: o objeto e a exposição museológica”, discute os processos pelos quais os objetos inseridos em exposições museológicas passam, deixando de representar meros artefatos cotidianos para receberem o status de “bens patrimoniais”. Thiago da Silva Coelho, no artigo “A imagem como fonte histórica: enigmas e abordagens”, reconstrói os diálogos e debates em torno das reflexões sobre o uso da imagem como fonte histórica. E, finalmente, João

Rodolfo Munhoz Ohara, em “O historiador como *passeur*: considerações sobre Michel de Certeau”, explora as análises de Certeau sobre a “operação historiográfica”, ligando-a ao estudo do uso do espaço em “A invenção do cotidiano”.

Para a seção de “Resenha”, contamos com a importante contribuição de Rafael de Lima Fonseca, que analisa a obra *História universal da infâmia*, de Jorge Luís Borges. Com o título “As primeiras fundações para o labirinto de Jorge Luís Borges”, Fonseca destaca as características narrativas que indicam pistas e chaves interpretativas para que se adentrar no realismo posterior do escritor argentino.

Também bastante interessante está a seção “Transcrição de documento”. Reproduzindo sete cartas de escravos dirigidas ao imperador Dom Pedro II, Ricardo F. Pirola traz como contribuição a publicação de uma documentação pouco conhecida dos historiadores que são os pedidos de graça.

Encerrando o volume, contamos ainda com a seção “Relato de experiência”, na qual Edriana Aparecida Nolasco narra suas experiências pessoais, algumas técnicas e práticas de pesquisa com inventários, testamentos e registros eclesiásticos.

Esperamos que o leitor aprecie as escolhas feitas por nós e que os textos aqui contidos possam contribuir nas reflexões sobre o fazer histórico, a constituição de acervos e a prática de pesquisa.

*Ana Flávia Cernic Ramos
Mônica Brincalpe Campo
Organizadoras*